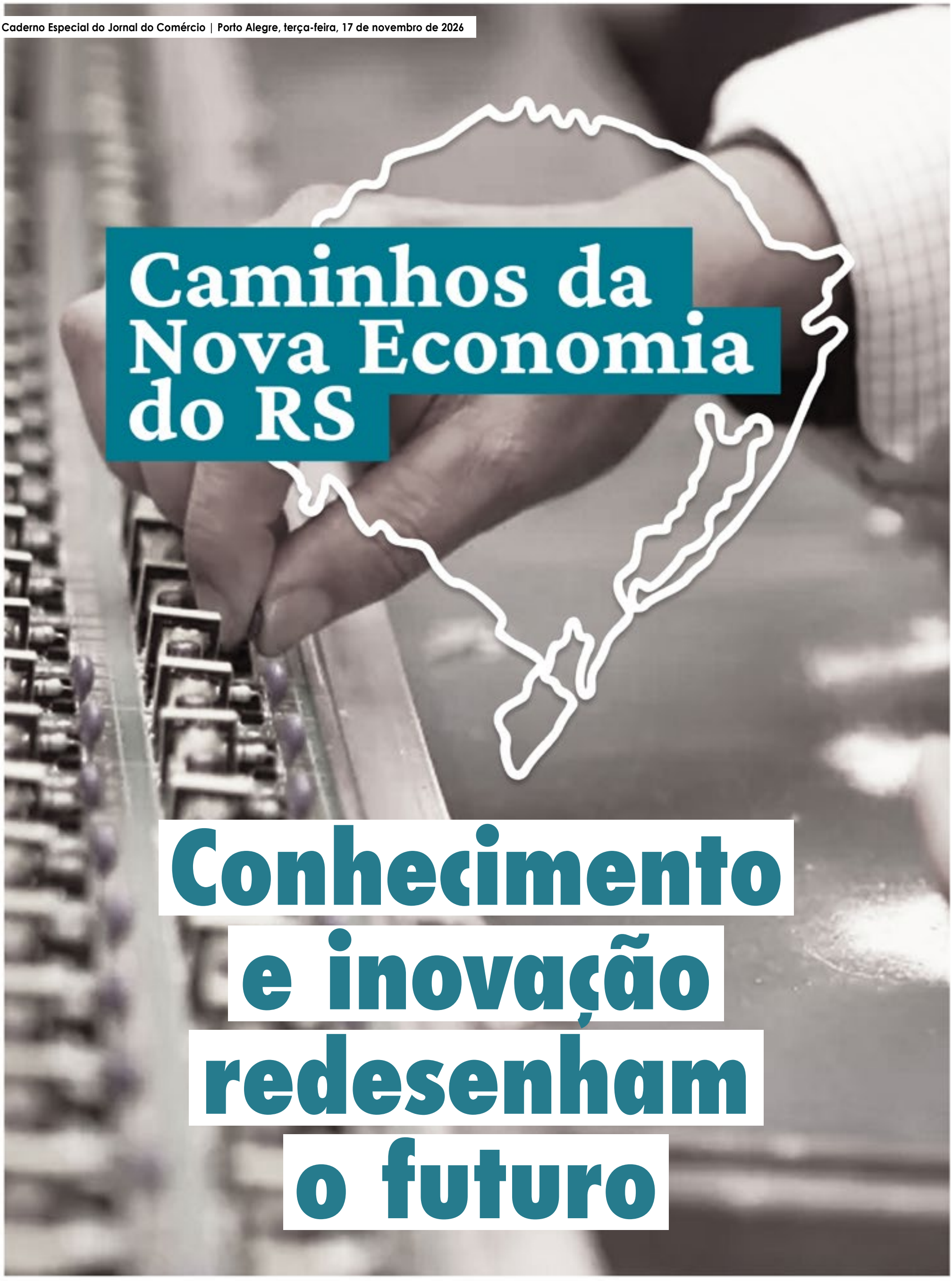


Caminhos da Nova Economia do RS

Conhecimento e inovação redesenham o futuro

Caminhos da Nova Economia do RS

CARTA DO EDITOR

Indústria da inovação desponta em uma nova economia do RS

Guilherme Kolling, editor-chefe

Nos últimos quatro anos, o Jornal do Comércio percorreu o Rio Grande do Sul e ouviu mais de 2 mil lideranças regionais em 20 eventos para discutir desafios e oportunidades ao desenvolvimento do Estado.

Para além do conhecimento de quem vive nas regiões, buscamos dados do poder público e levantamentos de entidades privadas para cruzar informações e estabelecer parâmetros na definição de indicadores da economia gaúcha.

Do ponto de vista de potencialidades, foram mapeadas 100 grandes oportunidades nas diversas partes do solo gaúcho.

Esse foi um dos resultados do projeto Mapa Econômico do RS, diagnóstico produzido pelo Jornal do Comércio nos últimos quatro anos (2023-2026).

> Setor tecnológico do Rio Grande do Sul abre um novo capítulo, acelerando investimentos na indústria da inovação

Ente as cadeias produtivas consolidadas, que, com projetos tradicionais ou desdobramentos, abrem novas fronteiras de crescimento, o agronegócio mais uma vez confirmou sua força para a economia gaúcha, com novas iniciativas como a industrialização de grãos e a produção de biocombustíveis.

Somando a agropecuária a atividades industriais e de serviços ligados ao agro, esse setor tem papel decisivo, representando uma importante parcela do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho todos os anos.

Nesse cenário, é fundamental também identificar novas tendências da economia gaúcha, com projetos consolidados e de impacto. E o ecossistema da inovação tem, sem dúvidas, um papel de destaque nos **caminhos da nova economia gaúcha**. Esse é o tema deste novo caderno especial do Jornal do Comércio.

Em um cenário de transformação das atividades produtivas, o Estado reúne universidades, centros de pesquisa, empresas e grandes grupos internacionais que ajudam a construir novas oportunidades de negócios, atraindo investimentos e qualificando a economia. Parques tecnológicos tiveram um papel fundamental para consolidar esse ambiente nas últimas duas décadas.

Agora, o setor tecnológico gaúcho abre um novo capítulo, acelerando investimentos na indústria da inovação, com a fabricação de chips e semicondutores, além de aportes na infraestrutura digital, através de diversos projetos de data centers na Região Metropolitana de Porto Alegre. Tudo isso somado a iniciativas já existentes na indústria eletroeletrônica no Estado.

Neste especial, o JC apresenta um panorama dos ambientes que impulsionam essa transformação, ouvindo também lideranças de destaque nesse ambiente. Mais do que identificar iniciativas, empresas e investimentos, este especial retrata a consolidação de um novo polo econômico, que pode ser decisivo para o Rio Grande do Sul ocupar um espaço ainda mais relevante na nova economia.

EXPEDIENTE

Caminhos da Nova Economia do RS

● **Editor-chefe**: Guilherme Kolling ● **Editores-executivos:** Fernanda Crancio e Mauro Belo Schneider ● **Editora de cadernos especiais:** Rosângela Monteiro ● **Reportagem:** Ana Esteves, Loraine Luz e Cássio Fonseca ● **Colunista:** Patricia Knebel ● **Diagramação:** Gustavo Van Ondheusden, Ingrid Müller e Juliana Batista

PARQUES TECNOLÓGICOS

Impulso aos negócios de inovação no Estado

Com 23 parques tecnológicos, 22 centros de inovação e mais de 1,2 mil startups, Estado aposta na conexão entre universidades e empresas

Ana Esteves, especial para o JC

Os parques tecnológicos são a principal infraestrutura que o Rio Grande do Sul tem para transformar conhecimento em economia. São o ponto onde a pesquisa das universidades encontra empresas e vira produto, serviço e emprego. O Estado tem 23 parques tecnológicos, 22 centros de inovação, 53 incubadoras e cerca de 1.200 startups, dentro de um ecossistema com 258 instituições de ciência, tecnologia e inovação. Só em 2025, o Estado investiu cerca de R$ 360 milhões em inovação. O impacto é concreto: nos ambientes de inovação gaúchos, há mais de 1.300 empresas residentes e em torno de 1.175 graduadas, que sustentam mais de 15 mil empregos qualificados, em setores como software, indústria inovadora, agronegócio inteligente e saúde e biotecnologia, num dos ecossistemas mais densos e capilarizados do País, conforme dados do Observatório da Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (Mcti).

A contribuição vem em três frentes: inovação, que encurta o caminho entre o laboratório e o mercado; competitividade, que aproxima empresas de talentos, laboratórios e de outras empresas; e geração de empregos qualificados, que segura o jovem no Estado. "No Brasil, empresas vinculadas a parques faturaram R$ 15,1 bilhões em 2023 e geraram 86 mil empregos. É um dos investimentos de maior retorno que uma economia pode fazer", afirma o presidente da Rede Gaúcha de Ambientes de Inovação (Reginp) e professor da Universidade Franciscana (UFN), Lissandro Dalla Nora.

Com base nos dados nacionais do Mcti, a movimentação econômica do ecossistema gaúcho é estimada em torno de R$ 9,2 bilhões, com cerca de R$ 606 milhões em arrecadação para o Estado. O RS responde por aproximadamente 17% dos empregos gerados pelos ambientes de inovação de todo o Brasil. "O impacto da inovação no RS não é experimental, é econômico, territorial e estratégico", afirma.

A secretária-adjunta de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Mariela Portz, afirma que não existe uma estratégia consistente de desenvolvimento econômico que não coloque a ciência, a tecnologia e a inovação no centro das suas prioridades. "Quando falamos de competitividade, produtividade, geração de empregos, saúde, agronegócio, indústria ou sustentabilidade, estamos necessariamente falando de conhecimento, pesquisa e inovação", defende.

O Rio Grande do Sul tem um patrimônio de universidades, pesquisadores, parques tecnológicos e empresas inovadoras. O desafio, segundo Mariela, é transformar cada vez mais essa capacidade científica em desenvolvimento econômico e social: "É nesse ponto que os ambientes de inovação se tornam estratégicos. Eles são os espaços nos quais o conhecimento encontra os desafios reais da sociedade e do setor produtivo".

Conforme a secretária, a estratégia do governo é combinar financiamento, articulação regional e conexão com o mercado para que centros de inovação, parques tecnológicos e incubadoras sejam ambientes de geração de negócios, e não apenas estruturas físicas.

Por meio do Inova RS, um dos programas âncora do governo estadual, o Estado atua para aproximar universidades, empresas, governo e sociedade, respeitando as vocações econômicas de cada região por meio de agentes de inovação. Outra frente é o fomento realizado pela Sict em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs): o edital de 2026 destinou R$ 8 milhões a projetos de todo o Estado. Esses instrumentos apoiam equipes, equipamentos e projetos voltados à transferência de tecnologia, ao amadurecimento de soluções e à criação de empreendimentos inovadores. Complementarmente, iniciativas como a Rede RS Startup, o Startup Lab e as ações de aproximação com investidores e mercados internacionais buscam conectar essa capacidade tecnológica a clientes e capital.

O presidente da Fapergs, Odir Dellagostin, afirma que uma das principais contribuições dos parques tecnológicos é promover a interação entre instituições que atuavam de forma relativamente isolada. Essa integração reúne universidades, que produzem conhecimento e formam profissionais qualificados; empresas, que conhecem as demandas do mercado e os desafios dos diferentes setores produtivos; e startups, que agregam agilidade ao desenvolvimento de soluções

Outro papel estratégico dos parques é manter os cientistas em solo gaúcho. O Rio Grande do Sul forma cerca de 1,2 mil doutores por ano e tem universidades de excelência, mas historicamente boa parte desses talentos deixava o Estado por falta de oportunidades qualificadas. Os parques ajudam a reverter esse cenário: criam, perto das universidades, empregos de alto valor que antes só existiam em São Paulo ou no exterior. "Isso segura talento, renda e famílias no território", aponta Dalla Nora.

Se o setor amadureceu, o desafio agora é ganhar escala. Primeiro, garantir acesso contínuo a recursos, pois parques e incubadoras trabalham com prazos longos e precisam de editais previsíveis e capital para as fases iniciais das startups. Segundo, ampliar a participação do setor privado. Por fim, garantir políticas públicas estáveis.



Somos o Estado mais inovador do Brasil.*

Nossa terra é fértil para receber pessoas, ideias e investimentos.

96% dos serviços do Estado são digitalizados

+1,6mil startups no ecossistema de inovação

57NITs (Núcleos de Inovação e Tecnologia)

23 parques tecnológicos (incluindo os dois melhores do Brasil)

53 incubadoras de negócios

1º Estado brasileiro em eficiência da Máquina Pública*

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

PARQUES TECNOLÓGICOS

Feevale Techpark amplia investimentos

Parque da Universidade Feevale reúne 132 empresas e impulsiona a inovação no Rio Grande do Sul

A aproximação entre pesquisa científica e mercado é uma das estratégias do Feevale Techpark para impulsionar a economia regional e ampliar a competitividade das empresas gaúchas. Com 132 empresas residentes e incubadas e receita anual superior a R$ 236 milhões do conjunto, o parque tecnológico da Universidade Feevale atua na transformação de conhecimento acadêmico em produtos, serviços e novos negócios. A estrutura também contabiliza 23 patentes concedidas, outras cinco em andamento e 12 registros de software.

Distribuído em três unidades, localizadas nas cidades de Campo Bom, Novo Hamburgo e Porto Alegre, o Feevale Techpark concentra sua atuação em Tecnologia da Informação e Comunicação, Indústria Criativa, Materiais e Nanotecnologia, Ciências da Saúde e Biotecnologia, além de Ciências Ambientais e Energias Renováveis. "As áreas foram definidas a partir das competências científicas da universidade e das demandas do setor produtivo, com o objetivo de fortalecer as vocações regionais e diversificar a matriz econômica", afirma a coordenadora do Feevale Techpark, Camila Alves da Silva.

A unidade de Campo Bom, às margens da ERS-239, tem 149 mil metros quadrados e reúne incubadora, condomínio empresarial e lotes individuais para empresas de base tecnológica. Em Novo Hamburgo, o parque ocupa um prédio de 1,6 mil metros quadrados, enquanto a unidade de Porto Alegre dispõe de 1,84 mil metros quadrados. As duas estruturas oferecem espaço para mais de 20 empresas, além de ambientes compartilhados de reunião e coworking.

FEEVALE/DIVULGAÇÃO/JC



Unidade do Feevale Techpark, que conecta pesquisa e mercado

A expansão da infraestrutura tem como um dos principais projetos o Hub Saúde Única, contemplado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) com R$ 14,5 milhões. A iniciativa prevê a implantação, em Campo Bom, da primeira incubadora tecnológica em biotecnologia e Saúde Única do Rio Grande do Sul.

Outra frente prevê a construção de um novo condomínio empresarial em Campo Bom, com investimento de R$ 8 milhões.

A transferência de tecnologia é outro eixo estratégico. O parque conecta pesquisadores, estudantes e empresas por meio de incubação e aceleração de startups, projetos de pesquisa e desenvolvimento, uso compartilhado de laboratórios e apoio à proteção da propriedade intelectual. Duas pesquisas na área de materiais estão em fase de negociação para transferência ao mercado.

Para os próximos anos, a estratégia é ampliar a atração de empresas. A expectativa é consolidar o Feevale Techpark como um ambiente de inovação capaz de gerar investimentos, empregos qualificados e novas oportunidades de desenvolvimento econômico para a região.

Os 23 Parques Tecnológicos do RS

- Campanhatec
- Feevale Techpark Campo Bom
- Feevale Techpark Novo Hamburgo
- Feevale Techpark Porto Alegre
- Gauten
- HCPATec
- IFRS TecnoParque
- Inovatec
- Itec Park UFN
- Oceantec (Furg)
- Pampatec
- Parque Canoas de Inovação
- Pelotas Parque Tecnológico
- Pradotech
- Santa Maria Tecnoparque
- Tecnopuc
- Tecnosinos
- TecnoUCS
- Tenocuri
- Tecnovates
- Tecnounis
- UPFParque
- Zenit

InovaTec transforma pesquisa da UFSM em negócios e impulsiona inovação

UFSM/DIVULGAÇÃO/JC



Parque tecnológico está integrado à Universidade Federal de Santa Maria

Transformar conhecimento científico em negócios, ampliar a produtividade de setores tradicionais e reter valor na economia regional estão entre as estratégias do InovaTec, parque tecnológico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Com foco nas cadeias do agronegócio, da produção de alimentos e das tecnologias sustentáveis, o ambiente reúne 14 empresas associadas, 10 empresas residentes pós-incubadas e a Pulsar Incubadora, que mantém 40 startups em seu portfólio. A estrutura busca aproximar pesquisadores e setor produtivo para desenvolver soluções com potencial de mercado.

A atuação está concentrada em quatro áreas: agrotecnologias, bioinsumos, foodtech e tecnologias sustentáveis. "A proposta é atender demandas que vão desde a eficiência dentro da propriedade rural até o processamento, a segurança e a comercialização de alimentos", afirma o diretor do InovaTec, Luciano Schuch.

Agricultura de precisão, pecuária digital, manejo biológico, energias renováveis e economia circular integram as frentes de pesquisa e desenvolvimento.

A dimensão econômica do ecossistema também aparece na geração de empregos: a Pulsar registra, em média, 250 postos de trabalho entre colaboradores, bolsistas e estagiários.

A transferência de tecnologia é conduzida em parceria com a Pró-Reitoria de Inovação e Empreendedorismo (Proinova) da UFSM. Programas como o Connect Labs identificam demandas do setor produtivo e as conectam às competências de pesquisadores e grupos acadêmicos. Já iniciativas de pré-incubação e incubação, como o Eleva Start, auxiliam estudantes e pesquisadores na estruturação de negócios de base tecnológica.

A universidade também utiliza contratos de licenciamento, acordos de cooperação técnica e projetos de pesquisa e desenvolvimento para levar tecnologias ao mercado. A Proinova mantém núcleos dedicados à proteção da propriedade intelectual, à prospecção e valoração de ativos tecnológicos e ao apoio jurídico de parcerias. Nas metas recentes da instituição, foram movimentados mais de R$ 36 milhões em contratos assinados de pesquisa, desenvolvimento e inovação com empresas.

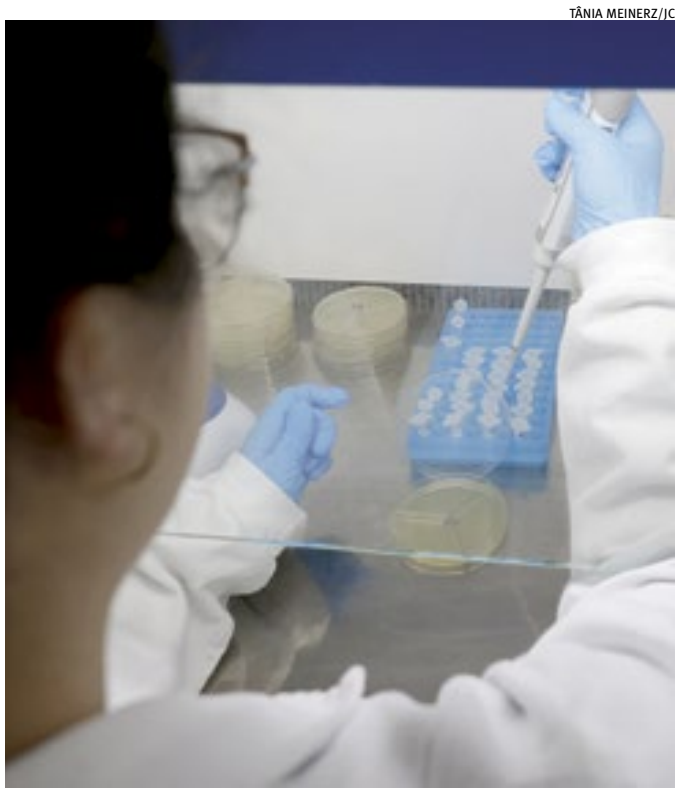
A expansão da infraestrutura é uma das frentes. O parque investe mais de R$ 12 milhões em obras como arena digital, prédio modelo, rua coberta, calçadão e estacionamento.

Caminhos da Nova Economia do RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Página 5
Terça-feira, 17 de novembro de 2026

Tecnopuc amplia conexão entre ciência, empresas e desenvolvimento econômico

TÂNIA MEINERZ/JC



ProspectaBio, no Tecnopuc, já captou mais de R$ 10 milhões

A aproximação entre conhecimento científico e mercado é uma das estratégias para ampliar a competitividade e diversificar a economia do Rio Grande do Sul. Com mais de duas décadas de atuação, o Parque Científico e Tecnológico da Pucrs (Tecnopuc) consolidou-se como um dos principais ambientes de inovação do Estado, reunindo empresas, startups, pesquisadores e instituições em torno do desenvolvimento de tecnologias e novos negócios. Atualmente, são mais de 320 organizações e 8,3 mil pessoas diretamente vinculadas às operações instaladas no parque, que busca ampliar sua participação na transformação econômica regional.

Segundo a diretora do parque, Flávia Fiorin, a atuação está concentrada em quatro grandes áreas: Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), Indústria Criativa, Ciências da Saúde e da Vida e Energia e Meio Ambiente. A estrutura também se conecta a institutos da Pucrs, como o Instituto do Cérebro, o Instituto do Petróleo e Recursos Naturais e o Instituto do Meio Ambiente

A articulação entre pesquisa e mercado ocorre por meio de projetos cooperativos de pesquisa e desenvolvimento, acesso à infraestrutura científica, programas de inovação aberta e mecanismos de transferência de tecnologia. A proposta, conforme Flávia, é desenvolver pesquisas desde o início direcionadas à resolução de problemas concretos das empresas e da sociedade, reduzindo a distância entre descoberta científica e aplicação comercial. Nesse processo, os 10 hubs de negócios em operação no Tecnopuc desempenham papel estratégico ao aproximar pesquisadores, startups e empresas em áreas específicas.

Os resultados dessa integração aparecem em empresas que transformaram pesquisas em soluções com alcance de mercado. Na área da saúde, a NoHarm desenvolveu uma ferramenta de IA para análise de prescrições hospitalares. A tecnologia está presente em mais de 200 hospitais e já impactou mais de 5 milhões de vidas. Outra iniciativa é a BlueNano, deep tech originada de pesquisas em Física da Pucrs, que desenvolve soluções de nanotecnologia aplicadas a novos materiais, catalisadores e processos industriais. No agronegócio, a ProspectaBio desenvolve tecnologias microbianas para biofertilizantes e controle biológico e já captou mais de R$ 10 milhões em projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

O Tecnopuc pretende fortalecer sua atuação em áreas como IA, semicondutores, transição energética, saúde, biotecnologia e sustentabilidade. A expansão está vinculada à atração de empresas, investimentos e conexões internacionais, com foco na inserção do Rio Grande do Sul em cadeias produtivas de maior valor agregado.

INOVAÇÃO SOCIAL ACONTECE QUANDO TODOS OS SETORES TRABALHAM JUNTOS

O ICT-S, Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação Social do CIEE-RS, conecta empresas, startups, instituições de ensino, pesquisadores, organizações sociais e governo em **projetos com aplicação real.**



Seja membro do ICT-S:
Conheça os níveis de membership.

ICT-S INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO SOCIAL DO CIEE-RS | CIEE RS

@icts_rs @icts-rs

PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Centros de tecnologia movimentam a economia do Estado

Com 23 parques tecnológicos e uma estrutura de pesquisa reconhecida nacionalmente, RS aposta na conexão entre ciência, empresas e formação de talentos

Ana Esteves, Especial para o JC

A capacidade de transformar conhecimento científico em negócios, ampliar a produtividade e atrair investimentos coloca os centros de tecnologia e inovação entre os instrumentos estratégicos para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. Ao reunir empresas, startups, pesquisadores, investidores e infraestrutura especializada, esses ambientes favorecem a criação de soluções tecnológicas e o surgimento de novas atividades produtivas. "Ambientes como o Instituto Caldeira, que reúne uma comunidade de mais de 500 empresas e instituições, e o Tecnopuc, parque científico e tecnológico da Pucrs, demonstram a importância da concentração de competências para o desenvolvimento de negócios", afirma Lissandro Dalla Nora, presidente da Rede Gaúcha de Ambientes de Inovação (Reginp) e professor da Universidade Franciscana (UFN).

A proximidade entre os agentes permite compartilhar conhecimento, estabelecer parcerias e acelerar projetos que dificilmente avançariam de forma isolada. Esse movimento contribui para a consolidação de setores como software, saúde, energia, agronegócio digital e semicondutores, ampliando a diversificação da matriz econômica estadual.

A principal função dessas estruturas é aproximar a produção científica das demandas do mercado. Universidades e instituições de pesquisa oferecem conhecimento e formação de profissionais, enquanto empresas apresentam desafios tecnológicos e startups desenvolvem soluções. Os centros de tecnologia atuam como articuladores dessa relação, criando condições para que pesquisas avancem em direção à aplicação comercial. Dalla Nora acrescenta que essa conexão ocorre por meio de programas de pré-incubação, incubação e aceleração, projetos de inovação aberta, núcleos de transferência tecnológica e iniciativas que aproximam grandes empresas de empreendimentos nascentes.

O resultado pode ser a criação de uma patente, o desenvolvimento de um software, a implantação de um projeto-piloto ou a comercialização de uma tecnologia. A estrutura também permite que empresas tenham acesso a laboratórios, pesquisadores e profissionais especializados, reduzindo custos e riscos associados ao desenvolvimento de soluções. Para a Reginp, que há 20 anos articula parques tecnológicos, incubadoras e hubs em diferentes regiões do Estado, o fortalecimento desses centros é fundamental para descentralizar o desenvolvimento econômico.

Para o presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs), Odir Dellagostin, os parques tecnológicos e centros de inovação são instrumentos estratégicos para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, porque criam condições para transformar conhecimento científico e tecnológico em novos produtos, serviços e negócios. "O RS possui uma

11,5%
da produção científica nacional é realizada no RS, que concentra
5,4%
da população brasileira

THAYNÁ WEISSBACH/JC



Caldeira reúne empresas, startups, investidores e pesquisadores

das mais importantes estruturas de pesquisa e inovação do país", diz.

Além disso, o dirigente destaca que, ao favorecer a criação de empresas de base tecnológica em diferentes regiões do Estado, esses ambientes contribuem para diversificar a economia, agregar valor à produção e gerar oportunidades fora dos grandes centros.

Secretária-adjunta de Inovação, Ciência e Tecnologia do RS, Mariela Portz diz que o Rio Grande do Sul parte de uma base sólida para expandir seus ambientes de inovação, especialmente na formação de mão de obra qualificada. O Estado tem a maior densidade de programas de pós-graduação e a maior relação de doutores titulados por 100 mil habitantes do país. Com 5,4% da população brasileira, responde por 11,5% da produção científica nacional e forma mais de 2 mil doutores por ano, além de contar com 21 parques científicos e tecnológicos. A SICT tem ampliado essa base com políticas estruturantes. Em 2025, criou o programa RS Talentos, ofertando bolsas de estudo.

A atuação dos centros tecnológicos também representa uma oportunidade para modernizar setores tradicionais. Agronegócio, metalmecânica, calçados, alimentos e saúde podem incorporar IA, automação, análise de dados e novos materiais para elevar a produtividade. Ao aproximar empresas consolidadas de startups e pesquisadores, esses ambientes contribuem para que demandas concretas da indústria e do campo se transformem em soluções desenvolvidas localmente.

A atração de investimentos é outro efeito estratégico. Centros com infraestrutura científica, empresas estruturadas e projetos em desenvolvimento tornam-se mais atrativos para fundos de investimento, capital de risco e grandes organizações. O orçamento estadual destinado à inovação, ciência e tecnologia alcançou cerca de R$ 360 milhões em 2025, segundo informações da Reginp. Os aportes anunciados de R$ 220 milhões para o Ceitec, na área de semicondutores, também evidenciam a importância de ampliar a presença gaúcha em cadeias tecnológicas de maior complexidade.

Indústria do Amanhã busca aproximar jovens do setor

A incorporação de tecnologias digitais, automação e IA aos processos produtivos está redefinindo o perfil da indústria gaúcha e as competências exigidas dos profissionais. Para ampliar a conexão entre esse novo cenário e as futuras gerações, a Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) prepara uma nova etapa do projeto Indústria do Amanhã, em parceria com o Instituto Caldeira. A iniciativa busca aproximar estudantes do ambiente industrial contemporâneo, contribuindo para a formação de mão de obra e para a competitividade da economia estadual.

Após uma primeira fase, em 2025, voltada à sensibilização de jovens sobre as transformações do setor, o projeto entra em uma etapa de estruturação. A proposta é utilizar espaços de convivência do Caldeira para demonstrar a evolução tecnológica da indústria, promover o contato com empresas e desenvolver ações de capacitação em conjunto com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai). A previsão é de que as atividades comecem em março de 2027.

Itec investe em formação de talentos

Um investimento de R$ 400 milhões, integralmente de origem privada e filantrópica, marca a implantação do Instituto de Tecnologia e Computação (Itec), em Gravataí. Com início das atividades acadêmicas previsto para março de 2027, a instituição aposta na formação de profissionais especializados em ciência da computação para ampliar a capacidade brasileira de desenvolver tecnologia e fortalecer o ecossistema de inovação do Rio Grande do Sul. A projeção é de que, em 15 anos, o projeto contribua para a geração de aproximadamente 30 mil empregos diretos e indiretos e para a movimentação de dezenas de bilhões de reais na economia estadual. Idealizado por empreendedores e fundações, o Itec tem como principal objetivo formar profissionais capazes de criar soluções tecnológicas, empreender e levar inovação para empresas de diferentes setores.

Segundo o presidente da instituição, Leonardo Villas, a escassez de recursos humanos qualificados é um dos principais entraves ao desenvolvimento tecnológico do País. "Precisamos começar a construir a nossa própria tecnologia, em vez de utilizar apenas aquela desenvolvida no exterior", afirma.

Além da graduação, o Itec pretende atrair centros de pesquisa e desenvolver atividades relacionadas ao empreendedorismo e à inovação. A localização, ao lado do Prado Tech, parque tecnológico em implantação, destinado a empresas de inovação, poderá favorecer a aproximação entre estudantes, pesquisadores, startups e empresas.

Para Villas, a concentração de profissionais qualificados no Estado é fundamental para que empresas de tecnologia consigam crescer no Rio Grande do Sul e captar recursos.

competence+

@fecomercio_rs /fecomercio-rs



CONHEÇA O OBSERVATÓRIO DO COMÉRCIO.

A PLATAFORMA QUE AJUDA A TRANSFORMAR DADOS EM DECISÕES ESTRATÉGICAS.

Inteligência de mercado e políticas públicas baseadas em dados reais do setor privado gaúcho.

O Observatório do Comércio é a plataforma do IFEP-RS que organiza e conecta dados do setor privado gaúcho para apoiar decisões estratégicas. Com indicadores exclusivos e análises setoriais e regionais, permite que empresas, gestores públicos e entidades entendam movimentos do mercado, identifiquem oportunidades, comparem desempenhos e avaliem políticas públicas. Uma ferramenta prática para transformar informação dispersa em inteligência acionável e fortalecer a competitividade do Rio Grande do Sul.

Saiba mais:

fecomercio-rs.org.br
Rua Fecomércio, 101
Anchieta
Porto Alegre/RS
(51) 3375.7000

Observatório do Comércio
BENS, SERVIÇOS E TURISMO

IFEP RS
Fecomércio
Sesc
Senac
Sindicatos Empresariais

EVENTO GLOBAL

South Summit consolida Porto Alegre como vitrine da inovação

Feira caminha para a 6ª edição na Capital e está consolidada na rota da inovação gaúcha

Cássio Fonseca

TÂNIA MEINERZ/JC



Edição deste ano do South Summit Brazil reuniu 24 mil participantes no Cais Mauá, em Porto Alegre

Depois de cinco edições e com a próxima marcada para o período de 14 a 16 de abril de 2027, o South Summit Brazil é um evento consolidado na rotina da inovação e da tecnologia em Porto Alegre. Desde 2022, a feira reúne empresas, startups, executivos e investidores do mundo inteiro no Cais Mauá, após um esforço capitaneado pelo governo do Estado, com apoio da prefeitura e do ecossistema de inovação, para trazê-la ao Brasil.

Para viabilizar a iniciativa, uma comitiva gaúcha viajou a Madri, na Espanha, para vender a Capital e o RS como destino relevante para o evento. À época, governo e líderes empresariais gaúchos queriam conectar a economia local a um grande palco global de tecnologia e empreendedorismo, inspirando-se no modelo original da capital espanhola.

A chegada ao Brasil se provou um sucesso. A Secretaria Estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia (Scit) destaca que, enquanto a primeira edição do South Summit em Madri, em 2012, reuniu cerca de 3 mil participantes, a primeira edição brasileira atraiu 20 mil participantes. Em 2026, a feira no Cais teve 24 mil pessoas ante 20 mil na Espanha.

A escolha pelo Estado, conforme a pasta, foi justificada pelos indicadores nacionais, que se mantiveram em alta. O Rio Grande do Sul já ocupava o primeiro lugar no pilar Inovação do Ranking de Competitividade dos Estados, elaborado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), em 2021 e 2022. A liderança se repetiu em 2024, 2025 e 2026.

Na economia, o Estudo de Impacto Socioeconômico do South Summit Brazil 2026, elaborado pela Ernst & Young (EY), menciona que a edição deste ano movimentou R$ 123,84 milhões na economia brasileira. Desse total, R$ 99,92 milhões (80,7%) correspondem ao impacto estimado no RS, enquanto R$ 23,92 milhões (19,3%) estão associados ao restante do País.

Para o prefeito Sebastião Melo, a feira reafirma a relevância da cidade nacionalmente e, principalmente, a coloca no cenário internacional. Neste ano, ele esteve em Madri, na edição local, para reafirmar o compromisso portoalegrense com o evento.

Melo espera dar início à preparação da próxima edição. "Acho que o tema mais urgente é formar uma governança ainda antes do final do ano, envolvendo o governo atual do Estado, o governo que vai assumir e a prefeitura", destaca.

Para além do impacto econômico, o prefeito vê a feira e todo seu entorno como uma ferramenta de transformação social. "Não se pode fazer o South Summit só do muro da Mauá para dentro", aponta. Em sua visão, um ganho importante foi a transferência das agendas do South Summit, ao longo do ano, do Araújo Vianna para o Instituto Caldeira.

O hub no 4º Distrito atua como coanfitrião e espaço estratégico para as conexões paralelas da feira, sediando painéis, encontros exclusivos e debates voltados ao ecossistema de inovação, agronegócio, indústria e tecnologia.

R$ 99,92 milhões
movimentados na economia gaúcha em 2026

24 mil
participantes no South Summit Brazil 2026

491
startups gaúchas inscritas na competição neste ano

US$ 215 bilhões
em ativos sob gestão dos fundos e investidores presentes no evento

Outro destaque apontado pela Scit na trajetória do evento é a evolução da Competição de Startups. Neste ano, foram quase 2,4 mil inscrições. A vencedora global foi a Scienco Biotech, de Lages, em Santa Catarina. A empresa de biotecnologia é focada no desenvolvimento de tecnologias de diagnóstico que, neste caso, foi reconhecida com a Dairy Tech, tecnologia inédita para análise de leite.

A CEO, Maria Borba, explica que o produto analisa o leite da vaca e identifica se ele possui uma proteína que facilita a digestão para os humanos, podendo ser classificado como A2 e comercializado por um valor mais alto. "Muitos animais produzem esse tipo de leite, mas não é fácil de identificar quais são as vacas. Criamos um teste que identifica se aquela vaca produz o tipo A2", relata.

Com o reconhecimento no South Summit, a Scienco foi à edição da feira em Madri, onde também foi finalista, o que abriu as portas para o comércio na Europa. "Ganhamos visibilidade em Portugal e nos cadastramos como fornecedores da maior cooperativa de leite do País. Na Espanha, estamos entrando com parceria com a maior cooperativa de lá", destaca Maria.

A visibilidade se traduz nos números de crescimento da empresa. A CEO conta que o faturamento projetado para 2026 é cerca de 95% maior do que o do ano passado e, para o ano que vem, a expectativa é de alcançar o mesmo índice.

A Scit frisa que a presença gaúcha vem ganhando destaque na feira. Em 2025, o Rio Grande do Sul teve 11 startups entre as 50 finalistas, a maior representação entre os Estados brasileiros. Em 2026, das 51 startups finalistas, 26 eram estrangeiras e 25 brasileiras. O Estado também liderou as inscrições nacionais, com 491 startups, à frente de São Paulo, que registrou 292.

Criada há sete anos em Porto Alegre, a Núcleo Vitro foi reconhecida como a startup mais disruptiva do South Summit Brazil 2026. A empresa realiza estudos de segurança e eficácia de produtos para saúde usando modelos que simulam a biologia humana, conforme a CEO, Bibiana Matte.

Ela conta que o teste é principalmente para cosméticos, mas a empresa também possui um modelo que conecta órgãos diferentes, como o intestino e fígado, ligados por um sistema que simula os vasos sanguíneos.

Bibiana entende que o prêmio chancela um trabalho diferenciado e inovador. "Isso nos ajuda a ganhar o primeiro sinal de confiança de muitas empresas para termos conversas sobre desenvolvimento de projetos mais relevantes", reforça.

A Núcleo Vitro aproveitou a vitrine e vem conversando com a embaixada da Espanha para formalizar o processo de internacionalização da empresa. A CEO relata que, no ano que vem, estarão numa feira na Espanha e a expectativa é abrir um novo canal de vendas não só naquele país, mas na Europa.

A Scit destaca que, neste ano, o South Summit Brazil reuniu cerca de 3 mil startups, 1 mil investidores e fundos de investimentos com mais de US$ 215 bilhões em ativos sob gestão, com representantes de dezenas de países, consolidando Porto Alegre como uma das principais vitrines de inovação da América Latina.

TECNOLOGIA

Radiografia da indústria eletroeletrônica gaúcha

Do recorde de faturamento aos desafios de custos, mão de obra e infraestrutura: o que move o setor e o que pode vir pela frente

Loraine Luz, especial para o JC

As áreas de energia e automação estão entre as que tomaram a frente do desempenho recente da indústria eletroeletrônica gaúcha. Em geração, transmissão e distribuição (GTD), o faturamento cresceu 40% em 2025 no Rio Grande do Sul, contra 10% no Brasil, segundo estimativas da Pesquisa de Desempenho Setorial da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica no Estado (Abinee-RS). As exportações da área chegaram a US$ 261 milhões. Para o diretor da regional gaúcha da entidade, Régis Haubert, a explicação está na expansão das energias renováveis, nos leilões de transmissão e na modernização das redes elétricas do Estado.

A automação industrial, que reúne 87 empresas (34% das pesquisadas), faturou R$ 3,4 bilhões e cresceu 12% no RS, contra 7% no Brasil. Haubert associa o resultado a "projetos de reindustrialização, eficiência energética e adoção de conceitos da Indústria 4.0". Nesta área, o Estado demonstra estar no radar de grandes empresas e investidores internacionais. Em agosto, foi anunciada a aquisição de 100% do capital da Novus pela multinacional italiana Gefran, em uma operação avaliada em R$ 215 milhões. Especializada em soluções de automação industrial e Internet das Coisas (IoT), a Novus tem matriz no Parque Canoas de Inovação.

No período da pesquisa da Abinee-RS, também se destacaram serviços de manufatura em eletrônica e utilidades domésticas eletroeletrônicas (que vêm numa crescente nos últimos anos). A entidade observa, entretanto, que os indicadores não representam, necessariamente, projeções de crescimento futuro.

Se os números de 2025 mostram onde o setor apresenta resultados positivos, o Sistema Fiergs olha para uma frente ainda em fase preliminar envolvendo a infraestrutura digital para IA.

O Conselho de Inovação e Tecnologia (Citec) acompanha com expectativa o projeto Scala AI City, uma "cidade digital" em fase de licenciamento em Eldorado do Sul. Para o coordenador do conselho, Marcus Coester, não se trata apenas de mais um data center, envolvendo aplicativos ou softwares, mas de toda a estrutura física e tecnológica necessária para comunicação, processamento e armazenamento de dados, que se converte em oportunidades para diferentes segmentos industriais.

Trata-se de um ciclo econômico "semelhante às ferrovias do início do século XX". "É outra economia que se estabelece em torno disso", resume.

SCALA/DIVULGAÇÃO/JC



Scala AI City colocará o RS no mapa dos data centers de IA

40%
é o índice de crescimento do faturamento em geração, transmissão e distribuição de energia no RS em 2025

As grandes empresas de TI que se instalam nos data centers trazem ainda áreas de pesquisa e desenvolvimento que se conectam ao ecossistema local de inovação. Ele ressalta, porém, que, como grande consumidor de eletricidade, esse empreendimento "não funciona sem uma estratégia energética". Para o Estado aproveitar o ciclo, defende políticas públicas e lideranças empresariais para "não deixar essas oportunidades escaparem".

Ainda projetando o horizonte da capacidade eletroeletrônica gaúcha, Coester cita cadeias que podem impulsionar a demanda por equipamentos, sistemas e tecnologias industriais, com destaque para a de máquinas e equipamentos destinados ao agronegócio. Na sua visão, o RS tem protagonismo nacional nesse segmento.

No caminho do desenvolvimento mais pleno da indústria eletroeletrônica, Coester identifica entraves. Entre os principais, estão o custo Brasil, que dificulta a integração da indústria às cadeias produtivas globais, e as deficiências de infraestrutura logística. Também aponta o desafio de reduzir a distância tecnológica entre empresas que já atuam na fronteira da inovação e indústrias mais tradicionais.

Atualização tecnológica está no centro da requalificação da força de trabalho

Segundo o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Estado (Senai-RS), as principais necessidades de qualificação profissional da indústria gaúcha estão relacionadas à crescente integração entre sistemas eletroeletrônicos, equipamentos industriais, automação, robótica e tecnologias digitais. Além da formação de profissionais especializados, a instituição aponta a necessidade de desenvolver competências multidisciplinares que articulem conhecimentos de elétrica, eletrônica, mecânica, programação, instrumentação e análise de dados aplicados aos processos produtivos.

Segundo o Mapa do Trabalho Industrial 2025–2027, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), informado pelo Senai-RS, a demanda projetada para as divisões industriais ligadas à fabricação de equipamentos eletroeletrônicos, máquinas e sistemas industriais, além de sua manutenção e instalação, chega a cerca de 69,9 mil necessidades de formação, das quais 85,5% correspondem a treinamento e desenvolvimento de trabalhadores. O total reúne diferentes perfis ocupacionais.

De acordo com a instituição, essas competências não são exclusivas dos fabricantes de equipamentos eletroeletrônicos: também são demandadas nas cadeias metalmecânica, automotiva, agroalimentar, química, florestal e de papel e celulose. Para o Senai-RS, as projeções reforçam a importância da atualização tecnológica e da formação continuada. A instituição avalia que a modernização das cadeias produtivas exige profissionais de distintas especialidades preparados para atuar em processos mais automatizados, conectados e sustentáveis.

As indústrias do setor demonstram cautela em relação a crescimento de vendas e estão lidando com reveses na cadeia de suprimentos, nos custos e nos insumos. Esses são alguns dos pontos relatados em setembro para a Sondagem Conjuntural da Indústria Elétrica e Eletrônica do Rio Grande do Sul, publicada em outubro pela Abinee-RS.

Apenas 27% das empresas preveem crescimento nas vendas para o acumulado de 2026 (em dezembro de 2025, esse índice era de 76%), refletindo cautela em relação aos juros, à inflação e ao endividamento das famílias. O índice de confiança do setor permanece abaixo de 50 pontos há 18 meses consecutivos. Para o horizonte de 2027, entretanto, há otimismo: 64% das indústrias gaúchas entrevistadas projetam crescimento em relação a 2026.

Houve alta nos desafios logísticos: 14% das empresas que exportam relataram dificuldades no envio de cargas marítimas e 43% do total de entrevistadas apontaram atrasos no recebimento de cargas. A dificuldade para adquirir componentes e matérias-primas por falta de disponibilidade no mercado subiu de 17%, em agosto, para 32%, em setembro.

Os relatos de aumento nos custos de componentes e matérias-primas saltaram de 39%, em agosto, para 68% em setembro, impulsionados por pressões globais de demanda e tensões geopolíticas. Em contrapartida, as pressões sobre custos secundários (como energia, água e impostos) caíram de 61% para 27%

A Pesquisa de Desempenho Setorial da Abinee-RS engloba 11 áreas setoriais e 256 empresas distribuídas em 32 municípios do Rio Grande do Sul.

O faturamento do setor representa 2,4% do PIB gaúcho. O RS responde por 6,7% do faturamento nacional do setor (R$ 18,2 bilhões de R$ 270,8 bilhões).

Na Região Metropolitana, destacam-se, em número de empresas do setor, as cidades de Porto Alegre, Canoas, Cachoeirinha, São Leopoldo e Gravataí.

Destaques apontados pela Abinee-RS

- **2020** - O ano foi marcado pela pandemia e o início da mudança de demanda.
- **2021** - Ocorre recuperação e demanda excepcional por TI e Telecom
- **2022** - Verifica-se um crescimento mais moderado, com destaque para automação.
- **2023** - O ano é de desaceleração nacional e ajuste de estoques.
- **2024** - O setor observa uma recuperação forte e diversificada.
- **2025** - Foi registrado recorde de faturamento, em que se destacam GTD, Automação Industrial, Utilidades Domésticas e Manufatura Eletroeletrônica.

INOVAÇÃO

Os trunfos gaúchos na corrida dos chips

Apesar da relevância em nichos estratégicos, o ecossistema de semicondutores do Rio Grande do Sul enfrenta desafios para crescer

Loraine Luz, especial para o JC

Minúsculas peças de silício que processam, controlam, guardam e transmitem informações, os chips estão onipresentes no cotidiano. Parte da sua complexa fabricação está consolidada em solo gaúcho e coloca o Rio Grande do Sul em posição estratégica não só no País (com vantagem em relação a outros Estados) como na América Latina.

A agilidade de smartphones, computadores e smart TVs pode ser associada à atuação da empresa HT Micron, em São Leopoldo. Em Porto Alegre, enquanto a EnSilica Brasil ajuda a projetar os "cérebros" eletrônicos por trás de carros, máquinas industriais, equipamentos de saúde e sistemas de telecomunicações, a tecnologia da Impinj permite identificar produtos por ondas de rádio e está presente em etiquetas de roupas, mercadorias de varejo e logística do e-commerce.

Com atuações distintas na cadeia de semicondutores, as três empresas ilustram as competências gaúchas, que se somam a uma sólida vocação em pesquisa e formação de profissionais. O que já é realidade direciona os próximos passos em um contexto no qual a importância de chips cresce em escala global. Segundo especialistas consultados nesta reportagem, a expectativa não é produzir os dispositivos mais avançados do mundo, mas aprofundar as capacidades que já existem, buscando espaço em nichos estratégicos.

"Vamos nos tornar mais fortes no que já estamos trabalhando", afirma Mariela Portz, secretária-adjunta da pasta de Inovação, Ciência e Tecnologia do Estado.

Está nítido, porém, que é preciso ampliar a capacidade industrial, a base de fornecedores, a disponibilidade de capital e a mão de obra altamente especializada para construir um ecossistema mais robusto – ou seja, transformar ativos estabelecidos em mais produção, investimentos e negócios. "O que nos falta é principalmente a ampliação da capacidade industrial de encapsulamento", reconhece Mariela, para quem o desafio é transformar a competência técnica em escala econômica.

A lacuna na robustez produtiva se repete na leitura de cenário feita por Rogério Nunes, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Semicondutores (Abisemi) e por fontes ligadas a universidades e centros de pesquisa. Nunes ainda observa que há uma oportunidade geopolítica, decorrente da atual disputa EUA-China. "Quando vão às compras hoje, grandes empresas mundiais e americanas colocam restrições. E o Brasil não tem essa restrição", explica.

HT MICRON/DIVULGAÇÃO/JC



HT Micron, no Tecnosinos, atua com componentes semicondutores

Nunes vê como positiva a internacionalização buscada pela Invest RS, citando a visita recente a uma das maiores empresas de semicondutores da China, a Longsys, em agosto. A missão oficial liderada pela Invest RS marcou a abertura de uma representação permanente da agência em Xangai.

A realização do Simpósio de Semicondutores da América Latina e do Caribe (SemiCon-LAC), em junho, reflete o protagonismo gaúcho. Como chair do evento, o professor da Escola Politécnica da Pucrs Adão Villaverde projeta o Estado como um hub de inovação no continente até o final da década: "Eu diria que essa cadeia produtiva é a última das grandes oportunidades do Estado para crescimento econômico e financeiro, além de desenvolvimento social", afirma, tomando como exemplo o que aconteceu com Taiwan, Coreia do Sul, Malásia, Singapura e Vietnã.

Resumo do cenário

Onde estão as forças gaúchas

- A cadeia de semicondutores é composta por três estágios - projeto de chips (design), fabricação de circuitos em wafers e encapsulamento/testes. A integração em produtos finais já é considerada área da indústria eletrônica. O RS tem representantes nas três etapas. No design, estão a britânica EnSilica e a norte-americana Impinj, ambas no Tecnopuc; a SMDH (Santa Maria Design House, ligada à Universidade Federal de Santa Maria - UFSM); a Tuna Semicondutores (em Alegrete, ligada à Unipampa); o Design Center no ITT Chip da Unisinos, em São Leopoldo, em parceria com a HT Micron, no Tecnosinos; e o Ceitec, que desenvolveu e patenteou o projeto de seu principal chip RFID.
- Na fabricação (front-end), o Ceitec dispõe de infraestrutura industrial e domínio tecnológico, mas atualmente terceiriza à TSMC, em Taiwan, a fabricação dos circuitos em silício de seus chips RFID. Está implantando uma nova linha para fabricar dispositivos de potência em carbeto de silício (SiC).
- No encapsulamento e testes (back-end), atuam a HT Micron e o Ceitec. Há ainda a perspectiva de instalação de uma nova fábrica da Tellescom.
- Universidades e formação de profissionais especializados compõem uma das principais forças gaúchas. Instituições de pesquisa e ambientes como Tecnopuc e Tecnosinos aproximam universidades, pesquisadores e empresas.
- A política pública específica estabelecida por meio do Programa Semicondutores RS é apontada pelas empresas como atrativa.

Onde estão as fragilidades

- A presença de empresas e infraestrutura não se traduz automaticamente em produção de grandes volumes. Um dos gargalos é a necessidade de capital.
- O setor exige investimentos contínuos.
- Dependência de fornecedores externos para materiais especializados e insumos estratégicos.
- Pouca presença em etapas produtivas de maior complexidade. A expansão do setor depende da concretização de investimentos anunciados ou planejados.
- A expansão do setor depende de políticas federais de apoio e da formação e disponibilidade de mão de obra com conhecimentos técnicos específicos.

FONTES: ABISEMI. SICT-RS, ADÃO VILLAVERDE, CHAIR DO SIMPÓSIO DE SEMICONDUTORES DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE (SEMICON-LAC)

A visão de quem produz

> "O Estado, assim como o País, carece de indústrias de fabricação de ponta para os wafers de última geração, obrigando a dependência de cadeias logísticas e fabris externas na Ásia ou Europa. Embora a qualidade técnica seja excelente, o volume total de engenheiros especializados ainda é restrito em comparação a polos globais, limitando expansões exponenciais simultâneas sem programas contínuos de formação."
>
> **Julio Leão,** country head da EnSilica Brasil

> "O RS forma bons engenheiros. O que falta é experiência específica em processo e teste de semicondutores, que se dá dentro da fábrica, ao longo de anos, em parceria com as universidades. Além disso, a rede de fornecedores locais ainda é pequena. Praticamente todos os equipamentos e a maior parte dos insumos vêm de fora. Isso significa prazos longos, custo logístico e capital parado em estoque. O encapsulamento de teste é o elo em que o Brasil conseguiu entrar, porém ainda necessita de ajustes no arcabouço legal para atuar de forma competitiva."
>
> **Willyan Hasenkamp,** diretor de Relações Institucionais e Governamentais da HT Micron

Caminhos da Nova Economia do RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Página 11
Terça-feira, 17 de novembro de 2026

Ceitec, do pioneirismo histórico à aposta na transição energética

Pilar do desenvolvimento gaúcho quando se trata de semicondutores, o Centro Nacional de Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec), estatal de fabricação de chips localizada em Porto Alegre, concentra uma infraestrutura fabril singular no país, ajudou a formar profissionais e a criar condições para o desenvolvimento de empresas e competências que hoje compõem o ecossistema local.

É com esse "currículo" que a empresa está se voltando para uma nova rota tecnológica: a fabricação de dispositivos de potência em carbeto de silício (SiC), com previsão de início da produção no final de 2027. A capacidade estimada, em operação plena e nos três turnos, é de 20 milhões de dispositivos por ano.

"Diversos equipamentos já chegaram à empresa, com destaque para os fornos de alta temperatura e o implantador iônico", afirma o presidente Augusto Cesar Gadelha Vieira. Mas é preciso esperar pelo início efetivo porque o processo não é simples. "A fabricação exige condições rigorosas de limpeza, precisão e controle. Por isso, a implantação envolve uma sequência de etapas técnicas até que os dispositivos possam ser produzidos com qualidade e confiabilidade", diz.

A mudança é considerada estratégica porque esses componentes estão associados à eficiência e transição energéticas, com aplicação em veículos elétricos, carregadores, energia solar e eólica, redes elétricas, data centers e equipamentos industriais. O investimento é de R$ 260 milhões, via Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT).

GABRIELI SILVA/ESPECIAL/JC



Estatal Ceitec, na Capital, tem infraestrutura fabril singular no País

Atualmente, a estatal atua na etapa final e de acabamento da produção de chips RFID para identificação veicular e animal, logística e controle patrimonial. A fabricação das lâminas de silício - etapa inicial - é feita pela TSMC, em Taiwan. Em 2025 e 2026, o Ceitec vendeu 12 milhões de dispositivos. Também desenvolve os projetos e realiza testes e encapsulamentos.

Para Rogério Nunes, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Semicondutores (Abisemi), a empresa pública criou condições para a chegada da HT Micron e da Tellescom ao Estado, estimulou a formação de um ambiente de pesquisa e desenvolvimento, contribuiu para aproximar universidades e institutos de pesquisa, acumulou conhecimento e ajudou a formar base tecnológica e profissional. Mas sua trajetória foi marcada pela lentidão dos processos burocráticos, dificuldade que Rogério associa ao modelo de funcionamento das empresas estatais. A nova rota de SiC representa uma oportunidade de avançar.

Formação de talentos: base é forte, mas precisa crescer

A base acadêmica é fundamental para sustentar empresas e projetos de maior complexidade. E esse é um dos principais atributos do RS. Dispor de especialistas em demandas específicas, no entanto, é um desafio, segundo Mariela Portz, secretária-adjunta da pasta de Inovação, Ciência e Tecnologia do Estado.

Ela afirma que o Programa Semicondutores RS vem apoiando a formação de talentos e o fortalecimento da conexão entre universidades e empresas. Cita a Tuna Semicondutores, fundada por egressos do curso de Design de Circuitos Integrados da Unipampa, cuja formação é apoiada pelo governo. Incubada no PampaTec, em Alegrete, é a primeira startup de semicondutores do Estado. A UFSM também contribui para a formação de profissionais especializados – seu grupo de microeletrônica é um marco para o desenvolvimento do setor fora da Capital.

A Ufrgs teve papel decisivo na concepção, instalação e direção do Ceitec. A sua trajetória compreende mais de 40 anos e está estruturada em torno do Grupo de Microeletrônica, que articula diferentes áreas do conhecimento. A universidade desenvolve chips sob medida, mantém projetos com empresas e contribui para atrair multinacionais e gerar startups.

O parque tecnológico da Pucrs sedia operações de empresas internacionais e cria condições para aproximar o conhecimento acadêmico das demandas da indústria.

Com 2,5 mil metros quadrados, nove laboratórios, sala limpa e Design Center em parceria com a HT Micron, o itt Chip, na Unisinos, trabalha no projeto e na prototipagem de encapsulamentos e no desenvolvimento de sensores, especialmente para a saúde.

Ministra garante que não faltará mão de obra especializada

Para Luciana Santos, ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil, a nova rota tecnológica do Ceitec amplia os pontos de atuação e faz o Brasil entrar em uma área "muito dinâmica" da economia global: o aprimoramento da eficiência energética e a descarbonização. Ela observa que, para renovar a planta industrial, estão sendo adotados equipamentos de ponta dos Estados Unidos, da China e do Japão.

Jornal do Comércio - Qual papel o governo federal espera que o Rio Grande do Sul desempenhe na estratégia brasileira de semicondutores?

Luciana Santos - O Rio Grande do Sul acumulou um dos mais importantes e diversificados ecossistemas de semicondutores do Brasil. Sua combinação de competências é um patrimônio estratégico. Queremos ampliar nossa capacidade brasileira de projetar e produzir semicondutores para reduzir nossa dependência tecnológica e, ao mesmo tempo, atrair investimentos e gerar empregos muito qualificados. Na área industrial, o Ceitec tem infraestrutura para duas etapas de produção: a formação dos circuitos em lâminas de material semicondutor, que são os wafers, e etapas como o corte dessa lâmina para separar o chip, o encapsulamento e os testes.

FERNANDA BIGIO DAVOGLIO/ESPECIAL/JC



Luciana destaca os esforços para implantar a nova rota tecnológica

JC - A permanência do Ceitec como ativo industrial estratégico está assegurada?

Luciana – Sim. Revertemos a liquidação feita pelo governo Bolsonaro, recuperamos a expertise que o Ceitec tinha em chips de patrimônio, de passaporte, de rastreamento animal e em chips de identificação veicular. E há mercado para a recuperação da atividade comercial. Concomitantemente, estamos implantando a nova rota tecnológica. É uma mudança qualitativa.

JC - Em que estágio está a recomposição do quadro de pessoal do Ceitec? Há previsão de realização do concurso?

Luciana – Isso não depende exclusivamente do Ministério. Os concursos são nacionais e fazem parte de um pacote que envolve outras demandas do governo federal. Mas não faltará mão de obra: ou concurso público, quando for tomada a decisão mais global, ou contratações temporárias. Não faltará mão de obra especializada para tocar a nova rota tecnológica.

JC - Representantes do setor apontam que a velocidade dos processos públicos é incompatível com o ritmo exigido pela indústria de semicondutores. O governo federal reconhece esse problema? E que mudanças estão sendo feitas para dar mais agilidade ao Ceitec?

Luciana – Estamos debatendo, sim, flexibilidade em relação à característica de ser uma estatal dependente. Isso está acontecendo com algumas outras, como a Telebras. Mas o fato é que não tem como ser diferente, até porque são compras internacionais, de vários fornecedores de países diferentes. Entendo que houve uma velocidade grande. Os equipamentos estão chegando e sendo instalados. Mesmo que fosse em uma empresa privada, não acontece em um estalar de dedos. A rota não é simples: tem que fazer o estudo de mercado. A chegada dos equipamentos desde o primeiro semestre, pela complexidade e pela sofisticação, é um feito extraordinário.

DESENVOLVIMENTO

Data centers são oportunidade para RS fortalecer posicionamento na economia digital

Estado têm cerca de R$ 4,2 bilhões em investimentos previstos por três empresas

Cássio Fonseca

PARKS DATA CENTER/DIVULGAÇÃO/JC



Parks Data Center, em Cachoeirinha, na Região Metropolitana, receberá investimento de R$ 500 milhões

A Região Metropolitana de Porto Alegre teve seu horizonte econômico ampliado nos últimos anos com uma leva de novos data centers anunciados, com investimentos previstos em cerca de R$ 4,2 bilhões. O valor está dividido entre três empreendimentos. O maior deles é o Scala AI City, da Scala Data Centers, em Eldorado do Sul. Somente na primeira etapa, são previstos R$ 3 bilhões para erguer o projeto com capacidade de processamento de 54 MW (milhões de watts) em dados de Inteligência Artificial e, em menor escala, para dados em nuvem.

Há ainda a pretensão de expandir a operação para Charqueadas, conforme protocolo de intenções assinado em abril de 2025 pelo governo do Rio Grande do Sul, a prefeitura do município e a Scala Data Centers. O projeto, no entanto, está em processo de licenciamento e a previsão divulgada pela empresa é de iniciar a operação no fim de 2028.

A Tecto Data Centers também anunciou o TPOA1, seu novo data center em Porto Alegre, no bairro Sarandi, com investimento de R$ 700 milhões, dos quais R$ 200 milhões serão destinados à primeira etapa, prevista para o último trimestre deste ano. Conforme a empresa, o empreendimento chegará a 20 MW de potência total e será conectado ao cabo submarino Malbec, da empresa brasileira de telecomunicações V.tal, que liga o Brasil à Argentina, atualmente em construção.

A V.tal detalha que a nova conexão deve ampliar a capacidade e a qualidade do tráfego de dados no Sul do País, em resposta à demanda regional por conexões mais rápidas e resilientes. A previsão divulgada pela empresa para a entrada em operação dessa conexão é para dezembro.

Já a gaúcha Parks Data Center ficará em Cachoeirinha. Com investimento de R$ 500 milhões, está implantando um complexo no padrão Tier III, que assegura alta disponibilidade operacional, redundância de sistemas e alta confiabilidade para aplicações críticas. O espaço foi projetado para atingir 5 MW de capacidade total, dos quais 3,3 MW destinados à carga de tecnologia da informação. Prevê dois edifícios, 386 racks e implantação em oito fases. A estreia deve ocorrer ainda em 2026.

A Invest RS destaca que o Estado apresenta um diferencial climático em comparação às demais regiões do Brasil, visto que condições de temperaturas mais amenas podem reduzir a necessidade de refrigeração dos data centers. Também cita o Cabo Malbec e a energia como ativos. Segundo o Atlas Socioeconômico do RS, a geração estadual, em 2024, teve origem, essencialmente, de hidrelétricas (62,2%), além de fontes eólica (14,4%), solar (9%) e termelétrica (14,4%). Essa composição sugere uma participação expressiva de fontes renováveis.

Além disso, a Invest cita o relatório Potenciais Impactos Socioeconômicos da Consolidação do Brasil como Hub Internacional de Infraestrutura Digital na Era da Inteligência Artificial, elaborado pela Fundação Getulio Vargas, que situa essas condições no contexto da competição internacional. O documento aponta a matriz elétrica majoritariamente renovável, a posição geográfica, o tamanho do mercado e o crescimento da demanda por nuvem e IA como vantagens do Brasil.

Neste estudo, no entanto, a FGV não compara os Estados brasileiros nem apresenta um ranking dos polos nacionais. Mesmo assim, a Invest entende que as condições identificadas no RS permitem uma leitura positiva. A agência frisa que "o Estado tem potencial para ampliar sua presença no setor e consolidar-se como polo relevante, desde que transforme suas vantagens e os investimentos anunciados em capacidade efetivamente instalada e em operação".

O coordenador do Centro de Inteligência Artificial e Ciência de Dados da Pucrs, Dalvan Jair Griebler, salienta esses mesmos diferenciais em solo gaúcho. Acrescenta o fato de Porto Alegre possuir parques de tecnologia e inovação relevantes, com mão de obra qualificada.

Segundo o professor, a escolha por municípios da Região Metropolitana se dá pela importância de o data center estar próximo de uma grande metrópole com um bom "backbone", ou seja, a infraestrutura de rede de alta capacidade que interconecta diferentes redes, provedores e regiões, permitindo que os dados trafeguem em grandes volumes e longas distâncias.

Por outro lado, a instalação dessas estruturas tem alguns impeditivos, além da demanda por um esquema de segurança para evitar invasões. "O data center não pode estar próximo de um aeroporto e não podem passar aviões em cima. Também não pode ter fiação passando por cima", exemplifica.

Sobre a questão ambiental, ainda é muito cedo para medir os impactos. O uso substancial de água, por exemplo, não deve ser um problema, já que há chuvas frequentes na região. A produção de energia limpa também é um trunfo. Porém, os ruídos podem ser prejudiciais, principalmente para os animais.

A Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico (Sedec) ressalta que setores de engenharia, construção civil, instalações elétricas, sistemas de refrigeração, segurança, telecomunicações, automação, equipamentos e serviços especializados devem ser os mais beneficiados na economia.

Existe potencial para movimentar uma cadeia de fornecedores que inclui fabricantes de componentes, empresas de manutenção, transportadoras, prestadores de serviços técnicos, consultorias e negócios ligados à tecnologia, afirma a pasta. A Sedec ressalta, porém, que, para o Estado, o desafio é ampliar a participação das empresas locais nessa cadeia.

Outro aspecto relevante levantado pela Sedec é a capacidade de atrair novos negócios a partir da chegada dos data centers. É importante destacar, ainda, que o desenvolvimento do setor exige planejamento. A disponibilidade de energia, a eficiência dos sistemas de refrigeração, o uso responsável dos recursos hídricos e a integração com a infraestrutura existente precisam acompanhar a expansão dos empreendimentos.

A perspectiva para o RS, diz a Sedec, é aproveitar essa janela de oportunidade para fortalecer seu posicionamento na economia digital. Isso significa trabalhar também para que esses data centers contribuam para desenvolver fornecedores locais, gerar empregos qualificados, estimular a inovação e ampliar a competitividade das empresas gaúchas.

Três projetos de data centers no RS

1. Scala Data Centers, em Eldorado do Sul.
Scala AI City tem investimento de R$ 3 bilhões na primeira etapa, com capacidade prevista de 54 MW.

2. Tecto Data Centers, em Porto Alegre
Projeto TPOA1, no bairro Sarandi. Investimento total de R$ 700 milhões, com capacidade prevista de 20 MW.

3. Parks Data Center, em Cachoeirinha
Investimento de R$ 500 milhões. Complexo com capacidade total projetada de 5 MW.

TECNOLOGIA

Big Techs destacam ecossistema e potencial acadêmico como diferenciais

Região Metropolitana de Porto Alegre concentra operações expressivas de grandes empresas

Cássio Fonseca

O Rio Grande do Sul se consolidou, ao longo dos anos, como polo de inovação e tecnologia com um ecossistema completo, que conecta multinacionais, universidades, parques tecnológicos e empresas locais. Entre novidades e figurinhas carimbadas, o Estado, casa de big techs com operações estratégicas, tem nos hubs espaços de integração entre as empresas que operam em nível global.

O presidente da Dell Technologies no Brasil, Diego Puerta, salienta a qualidade das universidades gaúchas como um dos principais fatores para a permanência e expansão da empresa no Estado ao longo de mais de duas décadas. "Instituições como Ufrgs, Pucrs e Unisinos possuem uma tradição importante na formação de profissionais de computação, engenharia e negócios, competências fundamentais para uma empresa global de tecnologia", destaca.

Justamente por isso, "o grande diferencial do Rio Grande do Sul está nas pessoas", avalia o executivo, na comparação com outros Estados.

Além disso, Puerta diz que ambientes como o Tecnopuc e outros centros de inovação aproximam empresas, pesquisadores e empreendedores, facilitando a troca de conhecimento e a criação de novas soluções. Para ele, essa integração fortalece a competitividade do Estado e contribui para atrair operações que dependem de profissionais altamente especializados.

No mercado, entende que as áreas de maior destaque são engenharia, desenvolvimento de software e pesquisa aplicada. "São competências que permitem não apenas atender às demandas locais, mas também desenvolver soluções para empresas e mercados globais", conclui. Outro diferencial é o amadurecimento do ecossistema de inovação, elogiado pelo presidente.

Por outro lado, para o diretor regional da IBM Brasil e líder das operações da companhia na Região Sul, Rodrigo Borges, a formação e a retenção de profissionais qualificados são desafios para o Estado. Ele explica que a evolução tecnológica exige atualização contínua de competências e que, apesar de as universidades serem um triunfo, é preciso ampliar a conexão entre elas, as empresas e as iniciativas de capacitação para acompanhar a demanda.

Ao mesmo tempo, infraestrutura digital, conectividade de alta capacidade e fornecimento de energia confiável e resiliente são condições fundamentais para atrair operações tecnológicas cada vez mais complexas, diz Borges. "Entendo que o cenário ideal é fazer do Rio Grande do Sul não apenas um consumidor de tecnologia, mas também um lugar onde tecnologia é criada."

É preciso, portanto, transformar mais conhecimento acadêmico em negócios, reter talentos gaúchos e criar condições para que empresas globais tragam não apenas operações, mas também centros de desenvolvimento, pesquisa e projetos estratégicos para a região, conclui.

Quem já atua nessa linha é a HP, que mantém em Porto Alegre um centro de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) que integra o ecossistema global de inovação da companhia. A operação contribui para o desenvolvimento de soluções e tecnologias com aplicação no mercado brasileiro e em iniciativas globais.

A companhia ainda destaca que sua pesquisa Work Relationship Index 2025 mostra que a IA já está presente de alguma forma na rotina de 90% dos profissionais brasileiros pesquisados.

Para a HP, "o valor da IA aparece quando ela deixa a fase de experimentação e passa a resolver problemas concretos". A empresa afirma que, internamente, a tecnologia reduz atritos nos processos, aumenta produtividade e acelera atividades que antes exigiam muito trabalho manual.

SAP LABS/DIVULGAÇÃO/JC



Operação da SAP Labs Latin America em São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre

O presidente do SAP Labs Latin American, Dennison John, completa que a IA, quando conectada a dados confiáveis e aos processos das empresas, pode apoiar decisões relacionadas a estoques, manutenção, compras e planejamento. "Na indústria, por exemplo, pode ajudar a antecipar necessidades de manutenção e reduzir interrupções. Nas cadeias do agronegócio, pode melhorar o planejamento e a coordenação logística", exemplifica. O executivo conclui que são possibilidades que dependem da qualidade dos dados, da integração dos sistemas e da preparação das equipes.

Como operam as big techs no Rio Grande do Sul

Dell Technologies

O Rio Grande do Sul é a base histórica da operação da Dell no Brasil. A trajetória começou em 1999, em Eldorado do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre, com a instalação de uma fábrica de computadores e estruturas administrativas e de atendimento. Em 2007, a produção industrial foi transferida para Hortolândia, em São Paulo, por questões logísticas.

Hoje, a operação em Eldorado do Sul conta com cerca de 3 mil colaboradores e inclui equipes de desenvolvimento de software que criam aplicações e soluções globalmente. No primeiro semestre de 2026, a empresa ampliou sua presença com a inauguração de um laboratório de design e Inteligência Artificial no Instituto Caldeira, em Porto Alegre, em parceria com o Instituto Eldorado.

IBM Brasil

Em 2026, a IBM ampliou sua operação na Região Sul do Brasil, incluindo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cerca de cinco vezes. Ainda neste ano, a IBM inaugurou o HUB Sul, novo espaço de inovação e colaboração no Instituto Caldeira. O espaço está voltado especialmente à aplicação de Inteligência Artificial, nuvem híbrida e automação para responder aos desafios reais das organizações e reforça a presença histórica da IBM na região.

A IBM tem como objetivo alcançar crescimento de dois dígitos em seus negócios no próximo ciclo, em 2027, dando continuidade aos investimentos já realizados e avaliando novas oportunidades na região.

SAP Labs Latin American

A SAP mantém, desde 2006, o SAP Labs Latin America em São Leopoldo, na Região Metropolitana de Porto Alegre, com cerca de 2,7 mil profissionais. Instalado no ecossistema de inovação do Tecnosinos, junto à Unisinos, o laboratório integra a rede global de pesquisa e desenvolvimento da SAP.

Com cerca de 28 mil metros quadrados de área construída, a unidade atua em mais de 40 linhas de negócio, contribuindo para o desenvolvimento de soluções utilizadas por organizações de diferentes portes e setores em todo o mundo. A partir de São Leopoldo, profissionais colaboram diariamente com equipes globais, desenvolvendo soluções que apoiam empresas em áreas como agronegócio, energia, indústria, finanças e sustentabilidade.

HP

A HP possui um centro de pesquisa e desenvolvimento (P&D) em Porto Alegre, que integra o ecossistema global de inovação da companhia. A unidade trabalha no desenvolvimento de novas tecnologias que também atendem suas operações globais.

Conforme a empresa, a presença no Rio Grande do Sul reforça a importância do Brasil para a estratégia de inovação, especialmente pela disponibilidade de talentos qualificados e pela capacidade de desenvolver conhecimento e tecnologia localmente. Os materiais disponíveis, porém, não informam a data de início da operação no Estado nem o número atual de profissionais vinculados à estrutura gaúcha.

A **Microsoft Brasil**, que mantém instalações no Tecnopuc, optou por não participar desta reportagem.

Caminhos da Nova Economia do RS

MERCADO DIGITAL

Quais os caminhos do RS na nova economia?

A visão de algumas das principais lideranças gaúchas sobre futuro

Patricia Knebel

Uma convergência de transformações profundas e instigantes está desafiando líderes, territórios e empresas. A aceleração da Inteligência Artificial, passando pelos desafios geopolíticos, mudanças demográficas e reequilíbrio das prioridades ambientais e sociais estão moldando os contornos da nova economia, criando mais oportunidades e riscos, como aponta o Fórum Econômico Mundial.

O Rio Grande do Sul está aprendendo que um ambiente de negócios e de inovação forte e preparado para o futuro exige mudança de mentalidade, capacidade de reinvenção e articulação entre pessoas, instituições, empresas, universidades e poder público.

Confira as visões de lideranças gaúchas que atuam em diferentes setores sobre as nossas virtudes e os desafios que precisamos vencer para avançar, especialmente, a partir de uma lógica efetiva de cooperação.

"O Rio Grande do Sul tem uma indústria diversificada, empresas de referência mundial e uma grande capacidade de inovação. O desafio é transformar esse potencial em mais produtividade, investimentos e empregos."
Claudio Bier, presidente do Sistema Fiergs

O QUE AINDA PRECISAMOS VENCER?



"Estamos vivendo um momento de evolução do nosso Estado. Mas precisamos do envolvimento de todos para que possamos retomar uma posição de maior desenvolvimento. E sempre tendo a tecnologia como peça-chave desse processo."
Jorge Gerdau Johannpeter, empresário

"Nosso desafio não é começar do zero, mas conectar melhor essas competências e transformá-las em novas oportunidades de desenvolvimento. Precisamos avançar na formação e atração de talentos, na integração entre ciência e mercado, na modernização da nossa base produtiva e na capacidade de atrair investimentos em setores estratégicos, como Inteligência Artificial, transição energética e manufatura avançada."
Rafael Prikladnicki,
presidente da Invest RS



"Saímos da economia analógica e entramos na digital, que exige uma profunda mudança das empresas, e isso dói, porque tira as pessoas do conforto. O líder precisa ser o grande patrocinador dessa transformação, tem que motivar os times e entrar em um processo de aprendizado com o seus C-levels para criar um plano de transformação. Se isso não acontece, não temos um aproveitamento eficiente de todas as tecnologias".
José Galló, líder empresarial



"Precisamos transformar inovação em política de desenvolvimento de longo prazo, com governança, indicadores, continuidade e capacidade de execução. Não podemos depender apenas de lideranças ou de ciclos de gestão. Precisamos construir uma agenda que sobreviva às mudanças e que tenha impacto concreto na vida das pessoas e na competitividade do Estado."
Letícia Batistela, diretora do Instituto de Ciência e Tecnologia do Ministério Público do Rio Grande do Sul (ICT/MPRS) e líder do Comitê de Impacto do South Summit Brazil

"É preciso aproximar pesquisa e produção, apoiar as empresas na adoção de tecnologias e investir em conectividade, formação de pessoas, pesquisa, financiamento à inovação e infraestrutura logística. Também temos que avançar para formar, atrair e reter profissionais: trabalho qualificado, mobilidade, moradia e qualidade de vida fazem das cidades gaúchas lugares onde as pessoas podem estudar, empreender e construir seus projetos."
Bernadete Maria Dalmolin, professora da Universidade de Passo Fundo e ex-reitora da instituição



"O Rio Grande do Sul tem ativos importantes, como sua base industrial, instituições de ensino de excelência e uma forte cultura empreendedora. Para transformar esse potencial em mais desenvolvimento, precisamos avançar na competitividade do ambiente de negócios, com infraestrutura, energia, conectividade, qualificação de talentos e, principalmente, um ambiente mais simples e ágil para investir e empreender."
Daniel Randon, presidente e CEO da Randoncorp





"Precisamos transformar a base que o Rio Grande do Sul já tem em empresas consolidadas. O Estado tem uma vantagem que ainda usa pouco: agronegócio, indústria e saúde são setores fortes aqui e têm problemas reais para resolver. Quando a grande empresa passa a contratar a startup, o dinheiro circula no Estado, a startup ganha escala e o emprego fica aqui. Infraestrutura digital só se transforma em desenvolvimento quando tem gente e empresas usando".
José Renato Hopf, presidente do Grupo Four e do South Summit Brazil



"Temos um Estado que tem falhado em incentivar o desenvolvimento econômico das empresas. São necessárias políticas públicas que ajudem, em primeiro lugar, os pequenos, os microempreendedores, mas também é fundamental olhar para as grandes empresas que, cada vez mais, são mais escassas no RS. São poucas as companhias de capital aberto que ainda estão aqui. E por que isso? Porque é difícil fazer negócios no Estado, especialmente do ponto de vista fiscal e trabalhista, sem falar nos poderes, que não são harmônicos."
Antônio Napp, CFO do Grupo Panvel

Caminhos da Nova Economia do RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Página 15
Terça-feira, 17 de novembro de 2026

COMO RESPONDER AOS DESAFIOS DE FORMA ARTICULADA E COOPERATIVA



"Temos que construir uma obsessão coletiva e compromisso de longo prazo com a educação, voltar a ter protagonismo e ser a referência que já fomos na preparação de mão de obra qualificada, com pensamento crítico e competências associadas à nova economia."
Pedro Valério, CEO do Instituto Caldeira



"Uma nova base de desenvolvimento econômico requer, no mínimo, três grandes pilares. Um deles é financiamento, o segundo é infraestrutura e o terceiro é gente."
Susana Kakuta, secretária de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Eventos de Porto Alegre



"O desafio para o ecossistema gaúcho é ter mais empresas escalando e fundadores que construam negócios capazes de atrair capital para cá. Para isso, precisamos que o mindset seja diferente desde o dia 1. O mercado endereçado tem que ser global."
Marcos Boschetti,
CEO e co-fundador da Nelogica



"O Rio Grande do Sul tem um nível de educação de qualidade e centros tecnológicos muito avançados. Mas o que vai ser fundamental para o desenvolvimento é a inovação aplicada. É o uso desse conhecimento pelo setor empresarial, criando novos negócios, empregos, produtividade e evolução. O grande avanço depende dessa integração entre esses dois polos."
José Galló, líder empresarial e ex CEO da Lojas Renner

"Nenhum território se desenvolve isoladamente. Os desafios da nova economia são complexos demais para serem enfrentados por uma única instituição. Governos, empresas, universidades, ambientes de inovação e sociedade precisam combinar competências, recursos e capacidade de execução."
Rafael Prikladnicki, presidente da Invest-RS

"Precisamos refletir sobre o que o Rio Grande do Sul precisa fazer diferente nessa economia cada vez mais digitalizada e voltada ao empreendedorismo. Nosso desafio como Estado é desenvolver ambientes que ajudem a unir as pessoas em torno de uma visão única. É fazer com que isso se espalhe por todo Rio Grande do Sul para fazer com que os cidadãos bem formados do RS queiram ficar aqui. Se a economia não anda bem, as pessoas saem."
Antônio Napp,
CFO do Grupo Panvel



"Nenhuma empresa ou instituição conseguirá enfrentar sozinha os desafios que temos pela frente. Precisamos aproximar a indústria, as universidades, os centros de pesquisa e o poder público para transformar conhecimento em soluções e novos negócios."
Claudio Bier, presidente do Sistema Fiergs



"Parques científicos e tecnológicos vêm, ao longo da evolução do seu modelo de atuação, desenvolvendo um papel estratégico, sempre na conexão entre a produção do conhecimento, o desenvolvimento de novas tecnologias e a aplicação direta na economia e na sociedade. Ao final do dia, é a inovação que gera não somente a nota fiscal, mas que impacta a vida das pessoas a partir daquela inovação gerada."
Flavia Fiorin, diretora do Tecnopuc

"Quando a gente enxerga a quádrupla hélice na inovação, me parece que ela já está girando. Olhando para avanços, é preciso evoluir na questão de fundos, principalmente privados, para financiamento de empresas que já não são startups iniciais e que precisam de valores maiores, mas não têm ainda a força que as médias e grandes de alguma maneira já tem, de buscar esses recursos." **Ronald Krummenauer,**
CEO do Transforma RS





"Iniciativas como o Instituto Caldeira e o South Summit Brazil são exemplos de movimentos de colaboração que ajudaram a transformar a percepção sobre o Estado. Hoje, é muito mais fácil atrair talentos de fora para trabalharem aqui. No nosso processo de contratação, as pessoas podem escolher ficar na estrutura de São Paulo, mas o que temos visto é que elas acabam optando por Porto Alegre, pela qualidade de vida e pela possibilidade de se desenvolverem."
Marcos Boschetti, CEO e co-fundador da Nelogica

"A base da inovação é a colaboração entre os atores da quádrupla hélice. Isso permite exercitar a confiança. Trabalhar de forma articulada e cooperativa envolve que todos saibam o seu papel na engrenagem que move o ecossistema e tenham a mesma importância nesse movimento. Trabalhando juntos, os atores atingem resultados mais consistentes."
Artur Gibbon, professor adjunto da Furg na área de negócios

"Inovação é um jogo de massa. A experiência nos últimos sete anos mostrou que a única capacidade de competir globalmente é unindo as forças. E a gente aprendeu que, ao articular adequadamente os nossos atores, conseguimos de fato produzir com muito mais velocidade e impacto."
Luiz Carlos Pinto da Silva Filho, secretário de Inovação de Porto Alegre



"Ninguém constrói nada grande sozinho. A disputa por capital, talento e grandes projetos é global. O investidor que olha para o Rio Grande do Sul também está olhando para São Paulo, Santiago e Lisboa. Quando o ecossistema joga junto, o Estado apresenta uma proposta só, mais forte e mais fácil de entender para quem vem de fora."
José Renato Hopf,
presidente do Grupo Four e do South Summit Brazil


O futuro dos negócios já escolheu onde se estabelecer.
Inteligência artificial, semicondutores, data centers, parques tecnológicos e transição energética:
o Rio Grande do Sul reúne infraestrutura, talento e inovação para atrair investimentos e impulsionar os negócios do futuro.
INVISTA AQUI
Escaneie o Qr Code e saiba mais.
www.investrs.org.br
invest.RS
GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL